

Capítulo 8

Todos trabalhavam intensamente no que podiam, ao mesmo tempo em que esperavam a chegada de socorro. A tensão nervosa era intensa. Não sabiam com o que estavam lidando. suas vidas podiam estar em risco devido à vários fatores. O mundo podia estar em perigo. Tudo era motivo de preocupação. E corriam contra o tempo.

Alguns dos pesquisadores montavam vigília para evitar surpresas com aquele ser monstruoso que devorava os leões marinhos e quaisquer outros que pudessem ter renascido como ele.

E o tempo passava... As pequenas caixas infláveis eram preenchidas com plantas e animais exóticos, e depois lacrados e empilhados. As caixas eram a velha tecnologia do plástico mais maleável e forte que havia sido desenvolvido, e preenchido com um talco que, ao entrar em contato com o ar, expandia-se rapidamente, gerando pressão interna nas paredes, tornando-as rígidas. Era o mesmo material utilizado nas casas infláveis para os acampamentos. Era o que garantia a segurança de todos, além de um calor interno ambiente, por ser térmico.

Após vinte e oito minutos de trabalho, o paredão de gelo já havia derretido quase todo e quase todos os seres dali já se encontravam encaixados, outros decompostos e outros sumidos.

O pessoal que estava em guarda estava achando estranho não terem ouvido mais nenhum grito aterrorizante daquele ser que comia os leões marinhos. E isto já tinha mais de quinze minutos.

O silêncio gerava um certo pânico. A cada minuto passado, a tensão aumentava, e a ansiedade pela chegada de socorro aumentava.

Jorge, que era um dos pesquisadores que se encontravam de guarda, resolveu ir verificar novamente se o ser cobra com pernas estava ainda no lugar que atacou os leões marinhos. Colocou a pequena arma de choque na mão esquerda e o laser na outra. Respirou fundo e começou a andar na direção do montículo de gelo que dava vistas ao lugar. Suas mãos tremiam, quando João falou:

– Jorge! Está indo para onde?

Ele virou-se e disse:

– Vou ver se o monstro ainda está lá embaixo!

Mas, quando se voltou para frente, viu-se de frente para o ser, que se apresentava babando, com uma língua de serpente estirada na boca aberta, onde se viam dentes irregulares, grandes e pontiagudos. Boa parte de sua face e corpo estava melada do sangue dos leões marinhos devorados. Seus olhos esticados e abertos apresentavam pupilas pretas e similares aos de uma serpente. Sua pele era coberta de escamas verde acinzentadas, e apresentava ao longo de toda a espinha até a cauda pontiaguda, uma série de pontas como espinhos apontando para cima. Também, uma aba espinhosa se abria como um guarda-chuva ao redor de seu pescoço, e suas garras apresentavam três dedos separados em torno de trinta graus, com unhas imensas e pontiagudas.

Quando Jorge o viu, inspirou rapidamente, e antes que reagisse, o monstro que tinha mais de cinco metros de comprimento da cabeça à ponta da cauda, gritou estridentemente, saltando como uma bala em cima dele, atacando-o pelo tórax e partindo-o ao meio. Ao ver aquilo, João gritou:

– Socorro! O monstro pegou Jorge! Está aqui!

E quando pensou em correr, o ser jogou o corpo de Jorge ao seu lado esquerdo e saltou sobre João, fazendo o mesmo.

O pânico tomou conta de todos de imediato. As mulheres gritavam, o que atiçava ainda mais, o monstro.

Achtmann correu pegando uma das pistolas elétricas e se escondeu atrás de uma das casas plásticas do acampamento ali montadas. Mateus pegou uma pistola laser na mão esquerda e a pistola elétrica na mão direita, e apontou para o monstro. John, o americano, pegou o laser e apontou para o ser, o qual de imediato saltou sobre ele. No salto, a baba na boca do monstro caiu sobre Anne, que corria para o lado, na direção da entrada de uma das casas do acampamento. John apertou o gatilho, mas não deu tempo de atingir o ser, que o atingiu com seu peso e suas garras, esmagando-o e arrancando sua cabeça com a imensa boca.

Mateus, de imediato, atirou com o laser, que pegou em um dos dedos do ser, arrancando-o. O ser gritou e girou a cauda, que bateu em Akira, que foi atravessado pelos espinhos e caiu todo cortado a mais de cinco metros de distância. Mateus olhou para Akira. E o monstro olhou para ele. Quando o ser ia saltando em cima de Mateus, Artur e

Achtmann saíram de trás da casa, mantendo uma certa distância, e atiraram com as pistolas elétricas contra ele. O monstro se contorceu todo e saiu correndo, afastando-se do acampamento.

Mateus ainda tentou acertá-lo com o laser na hora que fugia, mas apenas atingiu um bloco de gelo, que partiu imediatamente e gerou uma avalanche para o lado da encosta.

O terror tomou conta de todos ali, após a morte de vários dos amigos. O que fazer?

Mateus correu ao encontro de Akira, jogado ao chão. Estava com o corpo todo tremendo e a musculatura se tornando flácida muito rapidamente. Seus olhos haviam estourado... sua tremedeira não era por estar doente. Eram seus músculos dissolvendo por um veneno, ou um ácido, ou qualquer coisa que fora colocado em seu corpo pelos espinhos daquele ser monstruoso. Akira também havia morrido!

De repente, Susan sai correndo com Pedro e Soraia de dentro da casa e gritando:

– Alguém ajude! Anne está morrendo! Ajudem!

Artur e Achtmann correram ao seu encontro, dizendo:

– Calma! Vários já morreram! Temos de nos defender e preparar para o que virá... e rezar para sobrevivermos... antes de rezar pelos que já se foram...

Eduardo entrou na casa para ver o que estava havendo com Anne. Quando a viu, espantou-se com a cena, pois Anne estava inchada, contorcendo-se toda, e a pele arroxeadada. Seus olhos reviravam e estavam vermelhos. No local onde a saliva do ser escorreu, a pele havia caído e tinha uma grande quantidade de linfa que escorria. Ficaram olhando aquilo, sem saber o que fazer. E em menos de dois minutos, Anne se estirou toda, falecendo restou aos sobreviventes deste primeiro ataque, retirar o corpo dela dali de dentro e colocar lá fora para evitar quaisquer maiores problemas aos demais, pois a cada momento e a cada situação vivida, mais estranho tudo se tornava.

Lá fora, Mateus voltou ao lugar onde o dedo da pata do monstro ficou, pegou-o com uma pinça e colocou dentro de uma pequena caixa. Era tudo o que podia fazer. Daí, voltou ao equipamento de comunicação e transmitiu a informação do que houve,

avisando da violência do monstro e que, ao chegarem, estivessem atentos, pois o ser estava vivo e revoltado.

Passados mais dez minutos, o submarino-torpedo-anfíbio africano chegava à costa do pólo, e os tripulantes enviavam contato para avisar de sua chegada. De acordo com a localização, aportaram na posição exata onde se encontravam os vários restos de leões marinhos mortos pelo monstro. Uma péssima visão de chegada. Vários pingüins e focas se encontravam mortos em alguns lugares... inchados, provavelmente por efeito do veneno de algum dos animais estranhos, ou algum fungo ou bactéria das águas que vinham do derretimento do paredão de gelo que emergiu das profundezas do distante passado...

Mateus ouviu o sinal e foi ver. Quando ia olhando a mensagem, outro sinal chegou. Era a mensagem de chegada dos africanos, e dos russos que falavam que estavam chegando em aproximadamente, vinte minutos no jatocóptero.

– Graças a Deus! Ache que vamos conseguir...

– O que houve, Mateus? – perguntou Susan com sua voz trêmula de pânico e ansiedade.

– Os africanos chegaram e os russos chegarão logo, logo!

– Viva! Amém!

– Precisamos avisá-los sobre o perigoso ser... isto é, sobre como dever manter a atenção, pois o bicho é esperto e pode estar escondido, e atacar de surpresa, como o fez conosco.

– Então, faça rápido! Senão não teremos chances de vida!

– Calma, Susan! Já estou finalizando o envio da mensagem... inclusive, já estou preparando uma mensagem para os centros de pesquisa para enviar as fotos das mortes estranhas que ocorreram... e os dados da... Eduardo! Com muito cuidado, faça a verificação da saliva daquele bicho... Com muito cuidado! Preciso enviar esta informação com urgência! Achtmann... ou alguém, tire fotos dos que foram mortos para enviar... urgente! Antes que aquela coisa resolva reaparecer!

– Certo, Mateus! Já estou a caminho! – falou Achtmann.

– Vou fazer a análise do material, Mateus. Deixe comigo, pois o Eduardo parece não estar legal... acho que sua pressão subiu! – falou Artur.

– Mais essa... Wilson! Mantenha a atenção sobre qualquer movimento estranho. Chame outros para lhe ajudar!

– Deixe comigo, Mateus.

– Mateus, conecte a câmera para pegar as fotos... acho que é suficiente e... terrível!

– Ok! Já estou fazendo! E aí, Artur? Conseguiu algo?

– Ainda não, Mateus! O equipamento está fazendo a análise ortomolecular para ver que tipo de veneno ou estrutura química é esta... Deve durar mais... entre dois e três minutos...

– Certo. Vou encaminhar logo o que já temos. Depois eu envio os resultados disso... – e apontou para a tela na posição do botão enviar. A mensagem de envio apareceu imediatamente, confirmando o encaminhamento da mensagem.

Lá embaixo, os sul africanos se armavam como se fossem para a guerra, antes de saírem do submarino-torpedo-anfíbio.